

Comunicação Corporativa

Silvia Maiolino
(+5511) 3018-7803
silvia@bracelpa.org.br

Thaís Mattos
(+5511) 3018-7829
thais@bracelpa.org.br

www.bracelpa.org.br

PRESS RELEASE

Setor de celulose e papel negociará créditos de carbono florestais na COP 15

O objetivo é que as florestas plantadas e naturais sejam reconhecidas no Protocolo de Kyoto

SÃO PAULO, Dezembro de 2009 – Conquistar reconhecimento no Protocolo de Kyoto para os créditos de carbono gerados por florestas plantadas e naturais e eliminar as restrições que impedem sua comercialização no principal mercado de carbono da atualidade – a União Europeia. Esse é o objetivo da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa) nas negociações da *15ª Conferência das Partes da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 15)*, que ocorrerão de 7 a 18 de dezembro, em Copenhague (Dinamarca).

A comercialização de créditos de carbono florestais é uma oportunidade para o País atrair capital e novos investimentos. “Para isso, é fundamental mudar o posicionamento da União Européia, que não considera esses créditos como elegíveis para compensar a emissão de poluentes”, afirma Elizabeth de Carvalhaes, presidente executiva da Bracelpa. “As florestas plantadas do setor de celulose e papel absorvem anualmente 64 milhões de toneladas de CO₂, enquanto os processos de manufatura emitem 21 milhões de toneladas de CO₂. É uma contribuição expressiva ao clima, que posiciona o setor como credor ambiental nas negociações climáticas”, defende Elizabeth.

O texto atual do Protocolo de Kyoto, no qual se baseiam as políticas climáticas da UE, afirma que florestas estão sujeitas a eventos da natureza – queimadas, temporais, inundações, e outras situações classificadas como “casos fortuitos”. Por isso, não há como garantir o estoque de carbono que elas formam ao longo do tempo.

Para oferecer garantias em relação a essa questão, a proposta da Bracelpa estabelece o monitoramento periódico das florestas – em relação à absorção de CO₂, volumes de carbono estocado e potencial de captura de CO₂ –,

assegurando o estoque de carbono disponível para comercialização. Propõe, ainda, um acordo entre as partes para reposição de estoque, em caso de redução de volume de carbono, e a criação de linhas de seguro e resseguro para as florestas plantadas. “Assim, teremos condições de oferecer garantias ao mercado, e de fornecer dados futuros sobre a absorção de CO₂ pelas florestas plantadas”, explica Elizabeth.

Outro termo de Kyoto contrário às florestas plantadas é o conceito de “estoque temporário de carbono”. Segundo o documento, todo o carbono acumulado nas florestas plantadas retorna à natureza quando elas são colhidas, transformadas em madeira para aplicações diversas e em outros subprodutos. O setor questiona esse conceito de “temporalidade” e defende que ele não se aplica no caso das florestas plantadas para fins industriais: o ciclo de absorção de CO₂ nunca é interrompido, pois, assim que uma árvore é colhida, outra é plantada no mesmo lugar.

“O documento elaborado pelo setor é um dos mais arrojados que o governo brasileiro levará para a mesa de negociações”, diz Elizabeth de Carvalhaes. As propostas se concentram no aprimoramento dos Mecanismos de Desenvolvimento Limpo (MDL), que é uma das principais formas de se gerar créditos de carbono. O MDL é uma alternativa importante para que os países desenvolvidos cumpram suas metas de limitação e redução de emissões de gases causadores de efeito estufa (GEEs).

A expectativa na COP 15 é que uma revisão do Protocolo gere novas ferramentas e metodologias para o MDL. “A proposta da Bracelpa pode gerar um novo produto no mercado de carbono, possivelmente com características bem diferentes de tudo o que já se viu até agora”, diz. Atualmente, a negociação de créditos de carbono florestais é restrita a mercados voluntários – como a Chicago Climate Exchange (CCX) – no qual as empresas do setor já comercializam créditos.

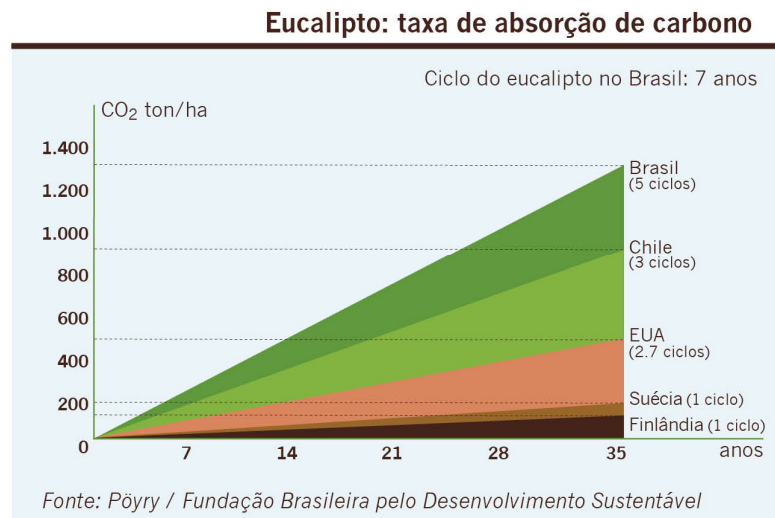
Florestas plantadas do setor de celulose e papel

O Brasil é um dos poucos países do mundo em que 100% da produção de celulose e papel vem de florestas plantadas, fontes naturais de matéria-prima renovável. Décadas de investimento em pesquisa e melhoramento genético

levaram ao aumento da produtividade das florestas plantadas, que produzem cada vez mais na mesma área.

Além disso, o clima favorável e as condições de solo dão ao Brasil uma vantagem comparativa: o curto ciclo de crescimento das árvores. O eucalipto, espécie utilizada na fabricação de guardanapos, papel higiênico e papel de imprimir e escrever, entre outros produtos, é colhido após seis ou sete anos de cultivo – menos da metade do tempo em que a espécie se desenvolve em outras regiões. Já o pínus, utilizado na produção de papéis de embalagem e de imprensa, é colhido em 15 anos, dez a menos que o ciclo dessa espécie plantada em outros países.

O curto ciclo de crescimento dessas espécies é outro argumento em favor das florestas plantadas na COP 15. Nos primeiros anos de desenvolvimento, as espécies são altamente eficientes na captura de CO₂. Essa absorção, após determinada idade, tende a se estabilizar. Com o curto ciclo de crescimento do eucalipto e do pínus, é possível afirmar que as florestas plantadas do setor absorvem CO₂ da atmosfera em sua potencialidade máxima.



Entremeadas à mata nativa, as florestas plantadas são cultivadas em composições que formam “mosaicos”, criando corredores ecológicos de preservação dos ecossistemas e da biodiversidade. Após a colheita das árvores, o terreno recebe novas mudas.

O setor de celulose e papel tem 4,8 milhões de hectares de florestas, dos quais dois milhões de hectares equivalem às florestas plantadas; o restante são áreas de preservação mantidas pelas empresas. Hoje, essa indústria é referência internacional: ocupa o posto de 4º produtor mundial de celulose e o 11º de papel.

Florestas plantadas do Brasil

O Brasil tem 6,7 milhões de hectares de florestas plantadas, área que equivale a 0,7% do território do País. Elas fornecem insumos para a indústria madeireira, moveleira, siderúrgica e de celulose e papel e, assim, ajudam a reduzir o desmatamento de florestas naturais.

Fonte de energia renovável de biomassa e de produtos ambientalmente corretos, as florestas plantadas recuperam áreas degradadas, conservam importantes ecossistemas e espécies ameaçadas de extinção e são responsáveis pela geração de empregos e de riqueza em áreas distantes de centros urbanos do País.

O patrimônio florestal brasileiro pode gerar um volume expressivo de créditos para transações no mercado de carbono da UE.

Sobre a Bracelpa - A Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa) é a entidade responsável pela representação institucional do setor no País e no exterior. Sua atuação desenvolve-se no âmbito de um segmento industrial cujos produtos são altamente competitivos, em um mercado globalizado e extremamente ativo. As empresas brasileiras do setor são referência mundial por suas práticas sustentáveis em todas as etapas do processo produtivo. Um dos principais diferenciais do Brasil em relação a seus concorrentes globais é que, há décadas, as empresas colhem – e não cortam – árvores para produção de celulose e papel. Atualmente, 100% da produção de celulose e papel têm como matéria-prima árvores provenientes de florestas plantadas, que são recursos renováveis. Além de evitarem o desmatamento, os plantios florestais são realizados principalmente em áreas degradadas e atuam como fixação de mão-de-obra no campo. As florestas do setor de celulose e papel são certificadas por órgãos reconhecidos internacionalmente, tais como o *Forest Stewardship Council* (FSC) e o Programa Nacional de Certificação Florestal (Cerflor).